

A VIDA DOS INDÍOS

A vida dos índios era simples e fácil. Madrugavam e iam logo se banhar. Gostavam imenso dos banhos e não passavam por um rio ou lagoa que nêles não se metessem. O trabalho deixava de ser-lhes uma obrigação, mas um recreio, porque suas necessidades eram reduzidas e tinham ao alcance das flechas ou das rêdes os peixes, as aves, e outros animais. Passavam o dia a vagar ou a lutar, os homens, e nos encargos das ocas e no trato das crianças, as mulheres. Iam dormir cedo, mal caía a tarde, porque temessem o escuro. Era de noite e pelas matas que vagavam os entes sobrenaturais a quem temiam: caaporas, saci, jurapiru.

O Anhangá era o inimigo dos caçadores. Tinham-no por veado alvo com olhos de fogo. O Jurapiru era o protetor dos pássaros e atraía felicidade às casas onde se instalasse. O Caapora, um menino ou um gigante cheio de cabelos negros, montado num porco, e quem o encontrasse estava fadado a uma eterna desgraça. A Iara era a divindade dos lagos e rios, o Corupira, um indiozinho de pés para trás; o Saci, também um pequenino índio coxo. O Boitatá era uma serpente de fogo.

Admite-se que os índios cultuassem um sêr superior, Tupã, que se manifestava nos fenômenos violentos da natureza como os vendavais, as enchentes, os trovões, os raios. E à maneira dos povos da antiguidade reverenciavam o Sol (Guarací), e a Lua (Jací) aos quais estavam subordinados muitos dos entes de que já tratámos.

Havia mesmo um deus para o amor: Perudá ou Rudá. Habitava nas nuvens e corria com os ventos.

Tinham ainda noção de "gênios domésticos", "gênios nacionais" e conheciam lendas sobre a formação do mundo, um dilúvio, a origem da mandioca e muitas outras que os folcloristas brasileiros recolheram e estudaram em obras que vale a pena consultar. O Pagé, entre os índios, era a autoridade que regia os ritos religiosos e presidia as práticas de feitiçaria.

Aos mortos prestavam homenagens. Enterravam-nos dentro de grandes potes de barro (igaçabas), de cores, e faziam os cadáveres levar consigo suas armas e ornatos distintivos pondo-lhes também nas sepulturas alimentos e uma rêde. Diziam que os mortos iam descansar num bom lugar.

Não precediam as uniões conjugais de uma cerimônia propriamente religiosa, mas havia geralmente um pedido e um consentimento. Quando havia uma negativa o pretendente desterrava-se. Em algumas tribos o casamento era motivo de festas: danças, libações, cantos. Às vêzes, o noivo, para merecer a noiva, tinha de trabalhar por algum tempo para os futuros sogros. Existiam impedimentos de consanguinidade para os matrimônios: mãe, irmã, filha, estendendo-se em certas nações, à sobrinha filha de irmão. Conheciam alguns impedimentos sociais — os membros das famílias nobres não se uniam aos de classes inferiores. Em regra a viúva casava-se com o irmão do marido, se êle a aceitasse. A monogamia era comum. Os chefes, apenas, mantinham mais de uma mulher, porém, quando isto acontecia, a mais velha fazia juz a maiores direitos e considerações.

Os filhos, embora não recebessem uma educação dentro de princípios morais como os concebemos, mereciam dos pais cuidados no sentido de torná-los robustos, valentes, adextrados nas armas, para a guerra, e nos misteres da caça, da pesca, da lavoura e no fabrico de objetos de utilidade. Além dêsses ensinamentos, havia, também, os do culto de obediência e respeito aos mais velhos. As mães criavam os filhos com certo afeto e dedicavam-se a êles. As crianças aprendiam a dançar.

Tinham os homens direitos absolutos sobre as mulheres e os filhos, mas em muitas tribos a situação das espôsas já se revestia de bastante dignidade e elas já não eram, como se quis generalizar, umas novas escravas, votadas ao trabalho, enquanto os maridos dormiam ou vagabundeavam. Possuíam os índios um grande sentido de liberdade e sabiam respeitar a das tribos alheias.

Outra virtude dêles era a hospitalidade. Ao hóspede concediam o que de melhor possuissem e usavam até de uma cerimônia com que procuravam traduzir seus sentimentos de cordialidade: a saudação lacrimosa. Logo que o hóspede chegava ofereciam-lhe uma rêde e ali traziam-lhe alimentos, enquanto as mulheres, em volta, com o seu pranto faziam curiosa saudação.

Em geral, os índios eram robustos e sadios. Não se conheciam, entre êles, muitas das doenças comuns aos civilizados e que foram introduzidas no Brasil pelos europeus. Praticavam, porém, os indígenas, a medicina, utilizando plantas e até tentavam a cirurgia.

Tribos havia que se comunicavam à distância por meio de um engenho que lembra o nosso telégrafo: de um tronco ôco de árvore, no qual espichavam um couro, êles tiravam sons convencionais que serviam de comunicação de um ponto a outro. Muitas tribos possuíam o culto da providência, armazenando o mel, as caças, o milho e outras utilidades.

Nem é preguiçoso, como o quiseram apresentar os primeiros cronistas por um preconceito de raça, nem tão pouco desprovido de inteligência. Ao contrário, tinham a maior facilidade em aprender as coisas que lhes ensinavam ou viam fazer, executando-as depois, com a maior perfeição e revelando aptidões várias.

(Uma página de MARIO SETTE)